

A Produção do Conhecimento nas Ciências Sociais Aplicadas

Willian Douglas Guilherme
(Organizador)



 **Atena**
Editora
Ano 2019

Willian Douglas Guilherme
(Organizador)

A Produção do Conhecimento nas Ciências Sociais Aplicadas

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Natália Sandrini e Lorena Prestes

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

P964 A produção do conhecimento nas ciências sociais aplicadas [recurso eletrônico] / Organizador Willian Douglas Guilherme. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (A produção do conhecimento nas ciências sociais aplicadas; v. 1)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-292-0

DOI 10.22533/at.ed.920192604

1. Abordagem interdisciplinar do conhecimento. 2. Ciências sociais – Pesquisa – Brasil. I. Guilherme, Willian Douglas. II. Série.

CDD 307

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Os textos são um convite a leitura e reúnem autores das mais diversas instituições de ensino superior do Brasil, particulares e públicas, federais e estaduais, distribuídas entre vários estados, democratizando o acesso a estes importantes resultados de pesquisas.

Os artigos foram organizados nos 5 volumes que compõe esta coleção, que tem como objetivo apresentar resultados de pesquisas que envolvam a investigação científica na área das Ciências Sociais Aplicadas, sobretudo, que envolvam particularmente pesquisas em Administração e Urbanismo, Ciências Contábeis, Ciência da Informação, Direito, Planejamento Rural e Urbano e Serviço Social.

Este 1º volume reúne um total de 28 artigos que dialogam com o leitor sobre importantes temas que envolvem a violência sexual, de gênero e contra a mulher, transexualidade, sexualidade no ambiente escolar e no trabalho, racismo, diversidade de gênero, atuação profissional feminina, direito, educação, prática de esporte e da arte, sempre com temas relativos a mulher, sexualidade e gênero.

Assim fechamos este 1º volume do livro “A produção do Conhecimento nas Ciências Sociais Aplicadas” e esperamos poder contribuir com o campo acadêmico e científico, trabalhando sempre para a disseminação do conhecimento científico.

Boa leitura!

Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A APLICAÇÃO DA LEI MARIA DA PENHA AOS CASOS DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA CONTRA A MULHER TRANSEXUAL: INSTRUMENTO DE DIGNIDADE E JUSTIÇA SOCIAL	
André Luis Penha Corrêa Lucas Lopes Grischke	
DOI 10.22533/at.ed.9201926041	
CAPÍTULO 2	7
A DUALIDADE ENTRE O <i>SER MULHER</i> E O <i>SER POLICIAL</i> : DISCUSSÕES ACERCA DO ENCONTRO “CHÁ DE ROSAS”	
Daniela Cecilia Grisoski Eneida Silveira Santiago	
DOI 10.22533/at.ed.9201926042	
CAPÍTULO 3	18
A EXPERIÊNCIA DO PROJETO ESTAÇÃO CASA DA REDE MARISTA DE SOLIDARIEDADE COM MULHERES ENCARCERADAS NA PENITENCIÁRIA ESTADUAL DE PIRAQUARA, EM CURITIBA-PARANÁ	
Gabriela Daniel de Campos Francieli do Rocio de Campos	
DOI 10.22533/at.ed.9201926043	
CAPÍTULO 4	28
A MULHER REPRESENTADA PELA IGREJA PRESBITERIANA NOS ANOS 70: A REVISTA ALVORADA E A IMAGEM FEMININA	
Daniela Emilena santiago Dias de Oliveira Ricardo Gião Bortolotti	
DOI 10.22533/at.ed.9201926044	
CAPÍTULO 5	38
A NATURALIZAÇÃO DA VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER	
Nathaly Cristina Fernandes Carolina dos Santos Jesuino da Natividade	
DOI 10.22533/at.ed.9201926045	
CAPÍTULO 6	47
A SEXUALIDADE INFANTIL NO CONTEXTO ESCOLAR: UMA EXPERIÊNCIA COM GESTORAS DE ENSINO	
Camila Campos Vizzotto Alduino Marcia Cristina Argenti Perez	
DOI 10.22533/at.ed.9201926046	
CAPÍTULO 7	62
ATUAÇÃO DA MULHER NA POLÍCIA MILITAR DO ESTADO DO PARANÁ: HISTORICIDADE, AVANÇOS E DIFICULDADES	
Adriana Cristina Dias Lopes Allan Jones Miranda de Souza Claudia Ramos de Souza Bonfim	
DOI 10.22533/at.ed.9201926047	

CAPÍTULO 8	74
BRANQUITUDE E DECOLONIALIDADE ACADÊMICA	
Ana Tereza da Silva Nunes	
Jair da Costa Junior	
DOI 10.22533/at.ed.9201926048	
CAPÍTULO 9	85
DIVERSIDADE E GÊNERO A PARTIR DA CONSTRUÇÃO DE UMA METODOLOGIA ATIVA COM ALUNOS DO ENSINO MÉDIO INTEGRADO	
Daniela Copetti Santos	
Luciane Carvalho Oleques	
Juliane Oberoffer Santos da Rosa	
DOI 10.22533/at.ed.9201926049	
CAPÍTULO 10	90
DO PRIVADO AO PÚBLICO: IDENTIDADES FEMININAS CATÓLICAS NA CONTEMPORANEIDADE E SEUS SENTIDOS	
Joyce Aparecida Pires	
DOI 10.22533/at.ed.92019260410	
CAPÍTULO 11	104
ECONOMIA SOLIDÁRIA: COOPERAÇÃO E AUTOGESTÃO PARA A COLETA DE RESÍDUOS RECICLÁVEIS	
Gisele Quinallia	
Juliene Maldonado Orosco de Andrade	
Edilene Mayumi Murashita Takenaka	
DOI 10.22533/at.ed.92019260411	
CAPÍTULO 12	113
EDUCAÇÃO SEXUAL: PROMOVEDO RESPEITO EM SALA DE AULA ATRAVÉS DE DINÂMICAS	
Nathália Hernandez Turke	
Felipe Tsuzuki	
Virginia Iara de Andrade Maistro	
DOI 10.22533/at.ed.92019260412	
CAPÍTULO 13	123
ENTRE ROMANCES E SEGREDOS, (HÁ) VIOLÊNCIA SEXUAL	
Paula Land Curi	
Nayalla Buarque	
Jaqueline de Azevedo Fernandes Martins	
DOI 10.22533/at.ed.92019260413	
CAPÍTULO 14	129
ESPAÇO EMPRESARIAL E A RELAÇÃO ORGANIZACIONAL COM SUAS FUNCIONÁRIAS MULHERES	
Catharina Correa Polachini	
Keila Isabel Botan	
Andreza Marques de Castro Leão	
Paulo Rennes Marçal Ribeiro	
DOI 10.22533/at.ed.92019260414	

CAPÍTULO 15	141
ESPAÇOS PÚBLICOS E DIVERSIDADE URBANA: A IMPORTÂNCIA DE SE PENSAR A CIDADE A PARTIR DA PERSPECTIVA DE GÊNERO	
Wellisson de Oliveira Camilo Jr	
DOI 10.22533/at.ed.92019260415	
CAPÍTULO 16	152
FRIDAS: UMA PROPOSTA DE GRUPO DE ESTUDOS SOBRE GÊNERO E DIVERSIDADE NO AMBIENTE ESCOLAR	
Vanessa Elias	
DOI 10.22533/at.ed.92019260416	
CAPÍTULO 17	166
FUTEBOL DE MULHERES E A EXPERIÊNCIA DE CAMPO	
Martina Gonçalves Burch Costa	
Giovanni Felipe Ernst Frizzo	
DOI 10.22533/at.ed.92019260417	
CAPÍTULO 18	173
INTERSECÇÕES ENTRE GÊNERO, SEXUALIDADE E RAÇA NAS TRAJETÓRIAS DE FORMAÇÃO DOCENTE E AS INFLUÊNCIAS NA PRÁTICA PEDAGÓGICA	
Lilian Silva de Sales	
DOI 10.22533/at.ed.92019260418	
CAPÍTULO 19	190
MEMÓRIAS DE UM RECITAL DE PIANO: REFLETINDO SOBRE GÊNERO E SEXUALIDADE	
Giácomo de Carli da Silva	
Cristina Rolim Wolffenbüttel	
DOI 10.22533/at.ed.92019260419	
CAPÍTULO 20	197
NOTAS SOBRE A INCLUSÃO DE ATLETAS TRANSGÊNERO NO ESPORTE	
Fernanda Dias Coelho	
Ludmila Mourão	
DOI 10.22533/at.ed.92019260420	
CAPÍTULO 21	210
O PARADOXO DA INCLUSÃO: UM ENSAIO PÓS-ESTRUTURALISTA SOBRE OS DIREITOS SEXUAIS	
Andressa Regina Bissolotti dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.92019260421	
CAPÍTULO 22	225
PARA ALÉM DO MATCH: TINDER NA PRODUÇÃO DISCURSIVA DE CORPOS	
Maria Cecilia Takayama Koerich	
DOI 10.22533/at.ed.92019260422	

CAPÍTULO 23	231
POR UMA TEORIA FEMINISTA DO PODER CONSTITUINTE: INSTITUIÇÕES, JUSTIÇA E REPRESENTAÇÃO POLÍTICA NA BANCADA FEMININA DA ASSEMBLEIA NACIONAL CONSTITUINTE DE 1987-1988	
Silvana Santos Gomes	
DOI 10.22533/at.ed.92019260423	
CAPÍTULO 24	242
QUE SEXUALIDADE É ESSA? REFLEXÕES SOBRE AS RELAÇÕES AMOROSAS DE ADOLESCENTES VÍTIMAS DE INCESTO	
Aline Luiza de Carvalho Márcia Stengel	
DOI 10.22533/at.ed.92019260424	
CAPÍTULO 25	258
QUE VOZ É ESSA QUE FALA POR MIM? A LUTA DO INSTITUTO GELEDÉS POR DIGNIDADE, RECONHECIMENTO E REPRESENTAÇÃO DA MULHER NEGRA NO BRASIL	
Brenda Karolainy Penha Siqueira Jamilly Nicácio Nicolete	
DOI 10.22533/at.ed.92019260425	
CAPÍTULO 26	270
RELACIONAMENTOS AMOROSOS DE ADOLESCENTES E A INTERNET	
Márcia Stengel Nádia Laguárdia de Lima Jacqueline de Oliveira Moreira	
DOI 10.22533/at.ed.92019260426	
CAPÍTULO 27	286
RESISTÊNCIA FRENTE À VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA CONTRA A MULHER: RELATO DA EXPERIÊNCIA COM A EXPOSIÇÃO FOTOGRÁFICA “MULHERES EXTRAORDINÁRIAS - FRAGMENTOS DE LUTA E SUPERAÇÃO”	
Jéssica Aparecida Chaviuk Francisco Cíntia de Souza Batista Tortato	
DOI 10.22533/at.ed.92019260427	
CAPÍTULO 28	298
VIOLÊNCIA CONTRA MULHERES: PERCEPÇÕES E RELATOS DE MULHERES PROFISSIONAIS DO SEXO EM ÁREA COSTEIRA DO NORTE DO BRASIL	
Brenda L. Assis Lisboa Walquiere Nunes Sales Driene N. Silva Sampaio Amanda C. Ribeiro Costa Gláucia C. Silva-Oliveira Aldemir B. Oliveira-Filho	
DOI 10.22533/at.ed.92019260428	
CAPÍTULO 29	310
ENTRE TREVAS E ARCO-ÍRIS: ORIENTAÇÃO SEXUAL E A “IDEOLOGIA DE GÊNERO”	
Marina de Almeida Borges Ana Cristina Nassif Soares	
DOI 10.22533/at.ed.92019260429	

CAPÍTULO 30 317

SUICÍDIO NO PÚBLICO DE LÉSBICAS, GAYS, BISEXUAIS, TRAVESTIS E TRANSEXUAIS (LGBT):
ANÁLISE DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA DE 2013-2018

Ana Patrícia Fonseca Coelho Galvão

Pablo Nascimento Cruz

Fábio Batista Miranda

Jaíza Sousa Penha

Nayfrana Duarte de Sousa Oliveira

Fabrcio e Silva Ferreira

Wochimann de Melo Lima Pinto

Natalie Rosa Pires Neves

Nayra Michelle Anjos Amorim

Raylena Pereira Gomes

Rose Daiana Cunha dos Santos

DOI 10.22533/at.ed.92019260430

SOBRE O ORGANIZADOR..... 333

SUICÍDIO NO PÚBLICO DE LÉSBICAS, GAYS, BISSEXUAIS, TRAVESTIS E TRANSEXUAIS (LGBT): ANÁLISE DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA DE 2013-2018

Ana Patrícia Fonseca Coelho Galvão

Faculdade Pitágoras São Luís, Departamento de Enfermagem.
São Luís-MA

Pablo Nascimento Cruz

Faculdade Gianna Beretta, Coordenação de Saúde Mental.
São Luís-MA

Fábio Batista Miranda

Escola de Saúde Pública de Manaus (ESAP).
Manaus-AM.

Jaíza Sousa Pena

Universidade Federal do Maranhão, HUUFMA.
São Luís-MA.

Nayfrana Duarte de Sousa Oliveira

Universidade Federal do Maranhão, HUUFMA.
São Luís-MA.

Fabrício e Silva Ferreira

Universidade Federal do Maranhão, HUUFMA.
São Luís-MA

Wochimann de Melo Lima Pinto

Faculdade Pitágoras São Luís, Departamento de Enfermagem.
São Luís-MA.

Natalie Rosa Pires Neves

Faculdade Pitágoras São Luís, Departamento de Enfermagem.
São Luís-MA.

Nayra Michelle Anjos Amorim

Faculdade Pitágoras São Luís, Departamento de Enfermagem.

São Luís-MA.

Raylena Pereira Gomes

Faculdade Pitágoras São Luís, Departamento de Enfermagem.
São Luís-MA.

Rose Daiana Cunha dos Santos

Instituto Superior Franciscano, Departamento de Enfermagem.
São Luís-MA.

RESUMO: O suicídio configura-se como um importante problema de saúde pública com estatísticas crescentes, representando um desafio para as sociedades. Contudo, existem populações mais suscetíveis, como a LGBT, pelas constantes vivências de preconceito e discriminação. Nesse sentido, este estudo tem o objetivo de analisar a produção científica entre os anos de 2013-2018 em relação a casos de suicídio no público LGBT. Para isso, desenvolveu-se uma revisão sistemática de literatura com corte retrospectivo, usando-se dos DeCS: “suicídio” AND “LGBT” nas bases de dados Google Acadêmico e Scielo. Como resultado, obteve-se uma amostra de 10 estudos a partir dos critérios definidos, onde oito eram de revisão de literatura, um original e um antropológico. A partir da análise temática, desenvolveram-se duas categorias: 1- sofrimento e suicídio LGBT: etiologias e

consequências; 2- possibilidades de intervenção sobre a realidade LGBT. Foi possível perceber que as vivências de um sistema hetero-cis-normativo geram nestas pessoas desajustes biológicos e sócio emocionais, culminando com o sofrimento e o suicídio. Dessa forma, são necessárias mudanças no quadro social, político e religioso para que se altere a sofrida realidade que se apresenta a essa minoria.

PALAVRAS-CHAVES: Minorias sexuais. Pessoas LGBT. Suicídio.

ABSTRACT: Suicide is an important public health problem with increasing statistics, posing a challenge for societies. However, there are more susceptible populations, such as LGBT, by the constant experiences of prejudice and discrimination. In this sense, this study aims to analyze the scientific production between the years 2013-2018 in relation to cases of suicide in the LGBT public. For that, a systematic review of literature with retrospective cut was developed, using the DeCS: “suicide” AND “LGBT” in the Google Academic and Scielo databases. As a result, a sample of 10 studies was obtained from the defined criteria, where eight were from literature review, one original and one anthropological. From the thematic analysis, two categories were developed: 1- LGBT suffering and suicide: etiologies and consequences; 2- possibilities of intervention on the LGBT reality. It was possible to perceive that the experiences of a hetero-cis-normative system generate in these people biological mismatches and emotional partner, culminating with the suffering and the suicide. In this way, it is necessary to change the social, political and religious framework in order to change the suffering reality presented to this minority.

KEYWORDS: Sexual minorities. LGBT people. Suicide.

1 | INTRODUÇÃO

Na década de 1970, foram criados no Brasil diversos movimentos sociais que buscavam defender direitos de grupos específicos e de liberdades sexuais, pautando suas demandas como questões políticas e contribuindo no processo de redemocratização do país. Na década de 1980, em meio a epidemia de HIV/Aids e a forte relação aos gays, o governo brasileiro, considerando o crescimento das mobilizações da população homossexual masculina, declarou apoio ao movimento. Contudo, ao longo dos anos foram inclusos novos grupos com outras orientações sexuais e identidades de gênero, formando o atual Movimento LGBT, conseqüentemente, ampliando as discussões e evidenciando suas demandas específicas (BRASIL, 2013).

Dessa maneira, a sigla LGBT, na atualidade, compreende uma minoria sexual representada por Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais. E, para que se inicie a discussão sobre este público, é importante conhecer e separar alguns conceitos, entre eles o próprio gênero, que pode ser entendido como uma construção social que define como os indivíduos agem, pensam, se vestem e vivem. Já o conceito de identidade de gênero surge com o desempenho dos papéis sociais definidos, dentre eles, o cisgênero (que se identifica com o gênero de nascimento), o transgênero (não

se identifica com o gênero nascido) e o não-binário (não se enquadra enquanto mulher ou homem) (MACK, 2017).

Outra questão relevante é a orientação sexual, que diz respeito ao lado afetivo-sexual, ou seja, com qual (quais) gênero (s) um sujeito desenvolve suas relações. Enquadra-se nesta classificação: heterossexual (se relaciona com o gênero oposto), homossexual (se relaciona com o mesmo gênero) e o bissexual/pansexual (se relaciona com pessoas de ambos os gêneros). Ainda existem as travestis, que vivenciam papéis de gênero ditos femininos, porém, não se definem enquanto homens ou mulheres (BUELVAS, 2015).

Fazendo um retrocesso histórico, todo o público LGBT passou por um longo período obscuro, resultando em sua carga de sofrimento atual. Nesse sentido, os discursos que permeiam o gênero e a sexualidade humana foram construídos pautando-se na moral e nos ideais judaico-cristãos. Por conseguinte, a visão é baseada num ideal binário de gênero, onde o masculino atrai somente o feminino, e vice-versa, formando um campo fértil para a marginalização da população LGBT (JUSTINO, 2017; MACK, 2017).

Na atual sociedade, o sentido das diferentes identidades, atrações sexuais e comportamentos relacionados implicam em conviver rotineiramente com o preconceito e a discriminação social, prejudicando os ajustes sócio emocionais e a própria aceitação, podendo culminar com o seu adoecimento (BORRALHA; PASCOAL, 2015).

De acordo com os estudos sociais, entre eles o mais conhecido, o de Durkheim, em 1989, o ato suicida tem conexão com as condições sociais, ou seja, o ato de matar a si mesmo é antes, um ato social. Para ele, a natureza do vínculo social estaria nas relações sociais, que incluem dois fenômenos principais: a integração social, que corresponde aos elos entre os sujeitos; e a regulação social, que são as normas e regras. O equilíbrio entre integração e regulação social, nesse sentido, poderia estar associado com aumento ou redução nas taxas de suicídio (ALMEIDA et al., 2015).

Nesta perspectiva, o público LGBT enfrenta ambos os efeitos da integração e regulação sociais descritos por Durkheim, pois vivencia diversas condições sociais que o excluem de vários grupos, como da própria família e/ou sociedade; convivem em ambientes onde sua orientação sexual e/ou identidade de gênero são frequentemente criticadas, além de serem “desconhecidos” legalmente (SILVA, 2016).

Portanto, o preconceito e a discriminação enquanto aversão/ódio aos LGBT, ou apenas LGBTfobia, permanecem impregnados na sociedade, formando um importante quadro de vulnerabilidade, contribuindo para a não aceitação da própria identidade, para um pior ajustamento social, baixa autoestima e, conseqüentemente, maior prevalência de suicídio, de ideação, tentativas do ato em si (SOUSA, 2016).

O ato do suicida, entendido aqui como um desfecho de algo complexo e multidimensional, no qual coexistem contribuintes biológicos, sociais, éticos, psicológicos, antropológicos e filosóficos, sendo que as pessoas nesta condição enfrentam impasses e não vislumbram resolução para suas demandas, acabando por

imaginar o suicídio como solução viável (BOTEGA, 2014; BONFIM et al., 2015).

Refletir nessa interface é, também, analisar o suicídio como problema de saúde pública no Brasil e no mundo. Segundo estatísticas internacionais, o suicídio está entre as três principais causas de morte entre pessoas de 15-44 anos, sendo responsável anualmente por um milhão de óbitos no mundo (1,4% do total de mortes). Desta maneira, a cada 45 segundos ocorre um suicídio no planeta, 1.920 pessoas diariamente. O Brasil não foge aos dados mundiais, já que está entre os 10 países que mais registram suicídios no mundo, com média de 27 óbitos por dia, o que corresponde a 1% do total de mortes. Ressalta-se que a faixa etária de 15-29 anos demonstra um número maior ainda, 4% (World Health Organization - WHO, 2014).

Os pressupostos para tentativas de suicídio incluem variáveis clínico-epidemiológicas, idade, sexo e tentativas anteriores. Os distúrbios psiquiátricos também representam um importante contribuinte, sendo os principais: de humor (depressão e bipolaridade), psicóticos (esquizofrenia), de personalidade (borderline) e do uso de substâncias psicoativas. Porém, a vida em sociedade também é um grande colaborador, pois apesar de trazer vantagens, revela muitas concessões e exigências de um sistema (MACK, 2017; BONFIM, 2015).

Os dados específicos de suicídio na população LGBT, segundo levantamento do grupo E-Jovem, superam mil em sua taxa anual e ultrapassam a média internacional (SOUSA, 2016). Em um estudo brasileiro de corte transversal realizado com 2.282 adolescentes, percebeu-se que jovens não heterossexuais tem três vezes mais chances de cometer suicídio que heterossexuais (FILHO; MARRETTO, 2018).

Na mesma linha de pesquisa, porém comparando um grupo de idosos homossexuais e heterossexuais, evidenciou-se que o grupo de homossexuais apresentava maior risco de suicídio, além de procurarem com maior frequência por serviços de saúde mental (SILVA; BARBOSA, 2016).

Nesse sentido, considerando a importância que envolve o suicídio enquanto problema de saúde pública, especialmente dentro do público LGBT e seu contexto específico, torna-se extremamente necessário estudar e refletir esta realidade para que seja possível elaborar intervenções. Constituindo, assim, relevante justificativa para se buscar na literatura científica as principais discussões a respeito, partindo-se, dessa forma, da pergunta norteadora: o que a produção científica de 2013-2018 descreve sobre o suicídio no público LGBT?

2 | OBJETIVOS

Analisar a produção científica de 2013-2018 sobre o suicídio na população de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais - LGBT.

Identificar os fatores de risco que estão envolvidos na maior susceptibilidade à ideação suicida, as tentativas de suicídio e ao suicídio consumado pelo público

investigado.

Descrever as etiologias e suas consequências descritas na literatura para o sofrimento e o suicídio na população LGBT.

Elucidar possíveis intervenções descritas nos estudos para o problema.

3 | METODOLOGIA

O presente estudo realizou-se através de uma revisão sistemática de literatura de corte retrospectivo, onde se buscou levantar informações a respeito de uma realidade para posteriormente discuti-la. Esta metodologia de pesquisa possibilita ao pesquisador conhecer estudos atualizados sobre o assunto, bem como diversas óticas das áreas da ciência e suas principais contribuições, viabilizando um panorama consistente e compreensível de conceitos, teorias e/ou problemas de saúde relevantes (SOUZA; SILVA; CARVALHO, 2010).

Esta metodologia apresenta diferentes fases: formulação da pergunta norteadora do estudo; busca na literatura, que deve ser ampla e diversificada; a coleta de dados por meio de um instrumento previamente elaborado; análise crítica dos estudos incluídos; discussão dos dados e apresentação da revisão final para que se permita ao leitor avaliar criticamente os resultados (SOUSA; SILVA; CARVALHO, 2010).

Desta maneira, após elaboração da pergunta, procedeu-se com a busca na literatura. Foram reunidos nesta pesquisa estudos nacionais e internacionais das bases de dados: Google Acadêmico e Scientific Electronic Library Online (SciELO), utilizando-se dos Descritores em Ciências da Saúde (DeCS): “LGBT” e “suicídio” com uso do operador booleano AND.

Os critérios de inclusão foram estudos que: a) estavam disponíveis completos, em português ou espanhol; b) atenderem ao período cronológico de 2013-2018; c) em análises preliminares de título, resumo e leitura na íntegra, atendessem aos objetivos propostos. Como critérios de exclusão, não se adotaram estudos que: a) estavam incompletos ou duplicados; b) disponíveis em idiomas não incluídos nos critérios de inclusão; c) fora do período cronológico adotado; d) dissertações, teses, resumos publicados em anais ou que estavam no formato de editoriais, cartas ao editor ou opiniões de especialistas.

A coleta dos dados se deu no período de abril-maio de 2018 com uso do Instrumento elaborado para este fim. Sendo, então, inclusos ao final os trabalhos que atenderam aos objetivos definidos.

Na primeira base de dados foram encontrados 2.260 estudos, dos quais apenas oito atendiam aos critérios definidos para seleção. E na segunda base, foram encontrados apenas dois estudos, onde ambos integraram a amostra.

Na próxima etapa, foi realizada a análise dos resultados, utilizando-se, inicialmente, da avaliação dos títulos e resumos, considerando a pergunta norteadora

e obedecendo aos critérios de inclusão. Posteriormente, a leitura na íntegra dos trabalhos selecionados, permitindo a extração dos dados relevantes. Os resultados foram integrados em quadro sinóptico que apresenta as informações pertinentes a cada artigo: ano, título, profissionais autores, periódico, local do estudo (cidade ou estado) e tipo de estudo.

Após agrupamento das informações, os estudos foram organizados a partir de análise temática de conteúdo em duas categorias: sofrimento e suicídio LGBT: etiologias e consequências; possibilidades de intervenção sobre a realidade LGBT, sendo possível visualizar o resultado no decorrer do trabalho.

4 | RESULTADOS

A partir da seleção, obteve-se um total de 10 artigos, sendo oito advindos da base de dados *Google Acadêmico* e dois da *SciELO*. Quanto ao idioma e país de origem dos estudos, a maioria (oito) foi elaborado no Brasil, estando disponível em Português, e apenas dois em língua espanhola, realizados no Chile e na Colômbia. Sobre seu delineamento metodológico, quatro estudos de revisão de literatura, 1 pesquisa original e 1 estudo antropológico.

Ao final da leitura e análise, organizou-se os trabalhos em quadro sinóptico (**Quadro 1**) para melhor elucidação. Posteriormente, agrupou-se a discussão em duas categorias temáticas: 1- Sofrimento e suicídio LGBT: etiologias e consequências; 2- Possibilidades de intervenção sobre a realidade LGBT, podendo ser vistas no decorrer do estudo.

A respeito dos resultados, o primeiro estudo foi o de Braga e Dell’Aglío (2013), uma revisão não sistemática de literatura que buscou identificar fatores de risco e características epidemiológicas de jovens que tentaram ou cometeram suicídio. A temática estudada ganha relevância atualmente devido ao aumento do número de suicídios nessa idade, pois a faixa etária de 15-24 anos tem sido um dos grupos populacionais que mais comete suicídio.

Nesta pesquisa, observou-se que uma importante fonte de conflito para o adolescente é a dificuldade em lidar com as exigências sociais e psicológicas, sendo que as ideias suicidas podem surgir como possibilidade de resolução. E entre os fatores de risco para suicídio nos adolescentes, observou-se a homossexualidade, demonstrando que o adolescente com orientação sexual diferente do padrão possui maior risco para cometer suicídio (BRAGA; DELL’AGLIO, 2013).

Ano	Título	Autoria	Periódico de Publicação	Tipo de estudo
2013	Suicídio na adolescência: fatores de risco, depressão e gênero	Braga, Luiza L.; Dell’Aglío, Débora D.	Rev. Contextos Clínicos	Revisão

2014	Suicídio ou assassinato? Um outro crime por trás da práticas homofóbica	Silva, Laionel Vieira; Barbosa, Bruno R. S. N.	Rev. Gênero e Direito	Revisão
2015	El riesgo suicida y los significados de las minorias sexuales: um nuevo reto para la salud pública	Rocha-Buevas, Anderson	Rev. Fac. Med.	Revisão
2015	Gays, Lésbicas e Saúde Mental: uma revisão sistemática da literatura	Borralha, Sérgio da; Pascoal, Patrícia M.	Rev. Omnia	Revisão
2016	Suicidio em poblaciones lesbiana, gay, bissexual y trans: revisión sistemática de una década de investigación (2004-2014)	Tomicic, Alek A. et al.	Rev. Med. Chile	Revisão
2016	As diversas manifestações homofóbicas e suas consequências no cotidiano das minorias LGBT	Sousa, Karol J. A.	Rev. Clóvis Moura de Humanidades	Revisão
2016	Suicídio, gênero e sexualidade na era digital	Nafaguchi, Thiago; Adorno, Rubens de C. F.	Rev. Saúde & Transformação Social	Antropológico
2016	Sobrevivência no armário: dores do silêncio LGBT em uma sociedade de religiosidade heteronormativa	Silva, Laionel V.; Barbosa, Bruno R. S. N.	Rev. Estudos de Religião	Revisão
2017	Agrupamentos LGBT: cuidado, resistência nos agrupamentos escolares	Justino, Elvis	Rev. Educação	Revisão
2018	Apontamentos sobre o atentar contra a própria vida, homofobia e adolescências.	Filho, Fernando S. T.; Marretto, Carina A. R.	Rev. de Psicologia da UNESP	Original

Quadro 1 - Artigos que englobam a temática LGBT e suicídio, 2013-2018.

Outro estudo que também trabalhou com adolescentes foi o de Filho e Marreto (2018) em “Apontamentos sobre o atentar contra a própria vida, homofobia e adolescências”, no qual se buscou identificar se o jovem homossexual estaria mais vulnerável ao suicídio. Para tanto, realizou-se um estudo descritivo numa escola Zona Oeste de São Paulo com 108 adolescentes de ambos os sexos. Como resultado, a amostra apresentou apenas um adolescente que se declarou gay (0,9%) e d lésbicas (1,9%). A maioria referiu que aceitaria um amigo de classe gay ou lésbica, 73 e 57 adolescentes, respectivamente. Entretanto, esse número caía caso esses alunos apresentem trejeitos. Sobre as travestis ou transexuais, 34 declararam que não gostariam de tê-los (as) em sua classe. Em relação ao suicídio, dos 104 adolescentes 25 (24,0%) já pensaram sobre seis (26,1%) ainda pensam e oito (33,3%) já tentaram cometê-lo.

Neste contexto de adolescência, foi revelado que quanto mais o indivíduo se afasta dos padrões binários de gênero, mais à margem e discriminado será, o que

afeta especialmente travestis e transexuais, mas também a todos, como demonstrado nos dados pela baixa quantidade de jovens que se autodeclaram LGBT. Já em relação ao suicídio especificamente, foi comum a ideação nos jovens, principalmente por conta das suas dificuldades em lidar com situações conflituosas, como a própria sexualidade, que está ligada à aceitação (FILHO; MARRETO, 2018).

Além disso, Silva e Barbosa (2014) lançaram mão da revisão: “Suicídio ou assassinato? Outro crime por trás das práticas homofóbicas”, onde buscaram discutir as consequências de pertencer a comunidade LGBT em uma sociedade homofóbica e seus reflexos na autoestima e adoecimento mental.

Para esses pesquisadores, as ideologias que criaram a imposição do modelo heteronormativo na sociedade obrigam os indivíduos a se enquadrarem num padrão, como o poder-saber médico que legitima as sexualidades humanas partido de aspectos puramente biológicos (genitália), e a própria postura anti-homossexual da igreja Católica. Porém, quando isto não acontece, enfrentam a exclusão e a marginalização. Como resultado, instaura-se a *LGBTfobia* internalizada, que corresponde às vivências e às percepções que vão sendo interiorizadas não ser a partir do contexto social, ocasionando conflitos psicológicos, sofrimento e manifestações somáticas (SILVA; BARBOSA, 2014).

Para Justino (2017), a raiz do problema está também ligada ao machismo, ao sexismo e o patriarcado. Pois, a partir de seu estudo “Agrupamentos LGBT: cuidado, resistência nos agrupamentos escolares”, o autor percebeu que os pensamentos em questão resultam em intensas violências aos LGBT, em todos os espaços, físicos ou virtuais. Rocha-Buelvas (2015) ainda acrescenta, em sua revisão intitulada “El riesgo suicida y los significados de las minorias sexuales: un nuevo reto para la salud pública”, que essas ideologias também são responsáveis pelas violências autoafingidas, tanto que a população LGBT apresentam risco para suicídio 3% maior que a comunidade geral.

Nesse sentido, Borralha e Pascoal (2015) discorrem em sua revisão “Gays, Lésbicas e Saúde Mental: uma revisão sistemática da literatura” um pouco sobre a psicopatologia envolvida na internalização da *LGBTfobia*, onde todos os contextos que perpassam essas pessoas predispõem a *distress* e propiciam o aparecimento de doença mental, estando fortemente envolvidas a baixa autoestima e a depressão como potencializadores. Portanto, não é incomum enfrentarem alterações como sentimentos de repulsa pela vida, estresse psicológico, desesperança, ideação suicida e aumento do consumo de substâncias psicoativas, principalmente em adolescentes.

Na perspectiva de Tominic et al. (2016), em sua revisão “Suicidio en poblaciones lesbiana, gay, bissexual y trans: revisión sistemática de una década de investigación (2004-2014)”, a mais alta prevalência de transtornos mentais e de suicídio na comunidade LGBT pode ser entendida também à luz da Teoria do Estresse de Minorias, que se pauta nos Determinantes Sociais da Saúde (estigma e discriminação), descrevendo que pertencer à minoria LGBT é estar submerso numa realidade adversa, onde o não

adoecimento é a exceção.

Assim sendo, alguns LGBT elaboram estratégias de enfrentamento à realidade, como a descrita por Silva e Barbosa (2016) em sua revisão “Sobrevivência no armário: dores do silêncio LGBT em uma sociedade de religiosidade heteronormativa”, na qual o *armário* formou-se enquanto mecanismo de fuga da realidade social adversa.

Para esses pesquisadores, a religião cristã é a principal instituição que influencia a sociedade a estabelecer parâmetros de “normalidade” através de dogmas e padrões de ordem moral que formam a identidade do seu grupo. Contudo, suas imposições não atingem apenas seus fiéis e acabam interferindo nas decisões individuais dos sujeitos, especialmente os LGBT, que são enquadrados como desviantes, condenados ao inferno e até mesmo doentes espirituais, não sendo, assim, difícil querer, de fato, se manter no *armário*, pois ser descoberto pode simbolizar a sua expulsão de casa, a perda do emprego, de relacionamentos e até a sua morte. Porém, acrescenta-se que “o silêncio” acaba concordando e legitimando a *LGBTfobia*, contribuindo para que a história se mantenha da maneira que se apresenta.

Sousa (2016) em sua revisão “As diversas manifestações homofóbicas e suas consequências no cotidiano das minorias LGBT”, por sua vez, afirma que a mídia poderia contribuir nesse sentido, propiciando uma mudança na visão social, estimulando o respeito às diversidades. Entretanto, as poucas aparições de homossexuais na TV procuram deturpar a imagem dos LGBT, principalmente em programas de humor, onde são depreciados e ridicularizados, o que, infelizmente, contribui para a formação negativa da imagem dessas pessoas.

Para Nafaguchi e Adorno (2016), a mídia e a internet são importantes fontes de comunicação, que inclusive, além de promover visibilidade às demandas de minorias, podem servir de espaço para a reflexão e a discussão do fenômeno complexo do suicídio. Em seu estudo “Suicídio, Gênero e Sexualidade na Era Digital”, descrevem um relato de suicida de Alana, uma mulher transexual, que publicou no *Facebook* uma carta de despedida indicando motivação transfóbica, gerando grande comoção, principalmente de pessoas que passavam por situações semelhantes.

A partir do envolvimento das pessoas, com no caso, foi criada a *hashtag* *#minhaprimeiratentativa*, que estimulava os LGBT a contarem sobre suas experiências com tentativa de suicídio. foi possível perceber nos relatos o quão comum é a ideação e as tentativas de suicídio, todo seu sofrimento e saúde mental alterada, bem como o quanto são vítimas de várias pessoas, inclusive da família. Entretanto, não receberam qualquer tipo de ajuda, amparo familiar ou social, muito menos atitudes por parte do sistema de saúde.

Com essa noção, percebe-se que existe uma medida para mensurar valor à vida das pessoas, onde vidas LGBT nunca serão “perdidas ou vividas no sentido pleno da palavra”, e seu suicídio “não é tão importante” do ponto de vista social, nem tão estudado ou refletido e, portanto, não é alvo de mensurações e políticas públicas específicas. E, apesar de percebermos que suas demandas estão cada vez mais

incluídas no campo midiático, esse espaço não tem servido para a criação de um maior respeito às diversidades. Sendo assim, é possível vislumbrar o suicídio como fenômeno e problema social e não como ato individual e isolado do suicida, pois comunica, entre outras coisas, a dificuldade em se viver numa sociedade que coloca sempre à prova a sua orientação sexual e/ou identidade de gênero (NAFAGUCHI; ADORNO, 2016).

Para dar continuidade à discussão, os estudos foram agrupados de acordo com a análise temática, organizados em quadro-resumos e discutidos em tópicos específicos, disponíveis a seguir.

4.1 Sofrimento e suicídio LGBT: etiologias e consequências

A partir dos estudos investigados, realizou-se um quadro com as principais conclusões a respeito do Suicídio em LGBT, suas etiologias (causas) e consequências, e pode ser visualizado abaixo (**Quadro 2**).

Pode-se observar que os estudos indicam que o contexto vivenciado pelos LGBT é extremamente hostil e que foi instaurado a partir de um percurso histórico com enorme influência do Cristianismo, principalmente, a partir da Idade Média, onde se pregava uma suposta punição divina aos homossexuais. Posteriormente, a medicina tomou para si a causa, patologizando e tratando as diversidades sexuais, sendo que até 1987, o *homossexualismo* ainda se encontrava no Manual de Diagnóstico e Estatística dos Transtornos Mentais (DSM), e mesmo após sua remoção, a transexualidade ainda continuou. Porém, cabe salientar que durante a elaboração da discussão deste estudo houve uma mudança na Classificação Internacional de Doenças (CID), em sua versão 11, onde foi retirada *incongruência de gênero* da lista de transtornos mentais, alterando-se para *condições relativas à saúde sexual* (SILVA; BARBOSA, 2014; MACK, 2017; LONGO, 2018).

Autor/ano	Etiologias	Consequências
BRAGA, L. L.; Dell'Aglio, D. D., 2013.	Dificuldade em lidar com as exigências sociais e psicológicas impostas na adolescência.	Alta prevalência de sentimentos de solidão e tristeza, depressão, ideação suicida e o ato consumado.
SILVA, Laionel Vieira; BARBOSA, Bruno R. S. N., 2014.	A legitimação da heteronormatividade como padrão, a partir do poder-saber médico e influência da Igreja.	Adesão a comportamentos e atitudes mais radicais como resposta às violências sofridas; problemas existenciais e o suicídio.
ROCHA-BUEVAS, A., 2015	Estigma social; sexismo; homofobia, e o preconceito social.	Maiores níveis de suicídio, especialmente em jovens, e mais ainda em transexuais.

BORRALHA, S. da; PASCOAL, Pa. M., 2015	Estigma; discriminação; patologização da homossexualidade; criminalização e condenação da homossexualidade em alguns países com favorecimento de sua ideia que deve ser punida; vivência do estresse de minorias.	Abuso físico homofóbico; homofobia internalizada; desesperança; depressão; ideação e tentativas de suicídio; maior consumo de substâncias e comportamentos sexuais de risco.
TOMICIC, A. A. et al., 2016	Estresse de minorias.	Maiores problemas de saúde mental, como a depressão e outros que aumentam o risco para o suicídio.
SOUSA, J.A.S., 2016	Precedentes históricos (homossexualidade como antinatural); condições sociais e culturais; preconceito e discriminação; escola enquanto instituição que fortalece e ensina a homofobia.	Violência; homicídios; <i>bullying</i> ; depressão; ódio contra si próprio; frustração; abandono escolar; conflitos; e maiores taxas de suicídio entre LGBT.
NAFAGUCHI, T.; ADORNO, R. de C. F., 2016	Sociedade que põe a prova em todo momento a orientação sexual e/ou identidade de gênero do sujeito; noção binária de gênero; heteronormatividade.	Altas taxas de suicídio, sofrimento, comunicação e exposição desses sentimentos como pedido de ajuda e protesto.
SILVA, L. V.; BARBOSA, B. R. S. N., 2016	Heteronormatividade; sexismo e machismo; binarismo enquanto criação divina; dogmas religiosos; silenciamento e evitação social.	Sufrimento, <i>bullying</i> , discriminação e violências, incluindo as autoafingidas.
JUSTINO, ELVIS., 2017	Machismo, conservadorismo e patriarcado.	Violências; <i>bullying</i> e suicídio.
FILHO, F. S. T.; MARRETTO, C. A. R., 2018	Heteronormatividade; morosidade, descaso e preconceito no sistema social e escolar.	Sufrimento físico e psíquico dos jovens, que cedem as pressões pensando em suicídio e até tentando cometê-lo.

Quadro 2 - Sofrimento, transtornos mentais e suicídio: causas e resultados, 2013-2017.

O estigma causado pela patologização claramente ainda vai continuar gerando efeitos, tanto que o seu resultado somado ao da influência religiosa, a heteronormatividade, continua obrigando os indivíduos a desenvolverem suas experiências afetivo-sexuais dentro da heterossexualidade, enquadrando as relações no modelo binário de gênero (SILVA; BARBOSA, 2014).

Contudo, para os corpos que fogem ao padrão, ainda é reservada a vitimização, que se diferencia em homens e mulheres, e é intensificada para as travestis e transexuais, por serem ainda mais *desviantes*. Para os homens, reserva-se termos como *bicha*, *mulherzinha*, reforçando a ideia de que sendo *homo* igualam-se às mulheres na *recepção do pênis*, fugindo ao esperado, que é serem *ativos* em relação ao objeto do seu desejo sexual. Já para as mulheres, que *deixam de cumprir sua função reprodutora e passam ao universo viril*, cabe o rechaço por quebrar o silêncio em relação a uma suposta *passividade feminina* quando assumem uma postura ativa que é *exclusiva* dos homens (FILHO; MARRETTO, 2018).

Portanto, o cenário instável perpassado ainda revela efeitos nocivos à representação social LGBT, na qual os agentes estressores de origem sociocultural

marginalizam determinado grupo, predispondo os componentes a sofrerem preconceito e discriminação (estresse de minorias). Portanto, a relação com doença/transtorno mental ou pecado/desvio ainda não é pacífica, neste contexto, se instalam no ser os mecanismos compensatórios e padrões comportamentais disfuncionais, resultando em intenso sofrimento e adoecimento (BORRALHA; PASCOAL, 2015; MACK, 2017).

Nesta perspectiva, o estresse de minorias em LGBT ocasiona prejuízos no seu bem-estar subjetivo e psicológico através da homofobia internalizada, ou melhor, *LGBTfobia* internalizada, onde ambos formam um dispositivo de controle que dita, através de uma *pressão social invisível*, uma visão negativa e homogênea a respeito de si, ocasionando diversos conflitos internos.

Algumas alterações apresentadas foram mais bem descritas por Isay (1988) e Hardin (2000) (apud SILVA; BARBOSA, 2014), como: negação de sua sexualidade para si e para com os outros; tentativas de mudar sua sexualidade; sentimento de que nunca é *suficientemente bom*, além da busca de ser excessivamente bom em tudo que faz, como tentativa de *aprovação social*; baixa autoestima, depressão, vergonha; desprezo por membros mais *assumidos* da comunidade e negação da seriedade *LGBTfobia*; preconceitos para com outros grupos; tendência a tornar-se psicológica ou fisicamente abusivo, ou a permanecer em relações com esta característica; práticas autodestrutivas ou inseguras; separação de sexo/amor, medo/intimidade, tendência ao celibato; e o abuso de substâncias (comida, álcool e outras);

Desta maneira, a partir dos dados e reflexões reportadas, é possível identificar que a discriminação e o preconceito enquanto DSS atuam no adoecimento de LGBT através do Estresse de Minorias, instaurando-se no ser através da *LGBTfobia* internalizada, onde a insegurança e as violências contínuas sofridas sistematicamente geram a sintomatologia de desajuste. É possível, então, compreender o porquê dos estudos estimarem que a cada episódio de *LGBTfobia* acresça em 2,5% nas chances da vítima apresentar comportamentos autodanosos como resultado, dentre eles, o suicídio (MACK, 2017).

4.2 Possibilidades de intervenção sobre a realidade LGBT

Os pesquisadores investigados também apresentaram, a partir de sua inquietação, estratégias que poderiam ajudar a mudar o quadro vigente. Em síntese, são apresentadas as principais conclusões a esse respeito no **Quadro 3**.

A partir das etiologias e fatores de risco apresentados, a literatura também prega sobre formas possíveis de intervenção. E como podemos observar, uma problemática relevante a ser combatida refere-se às ideologias de base, como o machismo e o patriarcado, que visualizam o homem como detentor de poder sobre a mulher, como reprodutora, enquanto ao ser mulher, sobre a subalternidade e o servir. E, nesta noção se enquadra a *LGBTfobia* que ameaça a ideia da *família tradicional* e os padrões hetero-cis-normativos (JUSTINO, 2017).

Desta maneira, uma das estratégias muito efetivas para promover a tolerância

e aceitação das minorias sexuais na sociedade corresponde ao uso dos meios de entretenimento para manipulação de normas sociais.

Autor/ano	Intervenções
BRAGA, L. L.; DELL'AGLIO, D. D., 2013.	Promoção de experiências satisfatórias e maior bem-estar, especialmente nos relacionamentos afetivos, familiares, escolares e nos grupos de pares, visando maior resiliência e diminuição dos efeitos das experiências adversas.
SILVA, L. V.; BARBOSA, B. R. S. N., 2014.	Criminalização da homofobia e discriminação; igualdade no acesso a serviços e bem sociais para casais homoafetivos; ampliação da capacidade e sensibilidade dos serviços primários para situações de suicídio e saúde mental.
ROCHA-BUEVAS, A., 2015.	Inserção da problemática do suicídio no público LGBT enquanto questão de saúde pública com a respectiva criação de políticas específicas; manipulação das normas sociais como ferramenta para promover a redução da homofobia, com utilização dos meios de entretenimento.
BORRALHA, S. da; PASCOAL, P. M., 2015.	A melhor inclusão do indivíduo e a aceitação parental demonstram impactos diretos na redução da psicopatologia e melhor saúde mental; iniciativas/campanhas que visem diminuir o <i>bullying</i> homofóbico, o heterossexismo e a exclusão baseada na orientação sexual; divulgação dos efeitos na saúde de gays e lésbicas.
TOMICIC, A. A. et al., 2016.	Inclusão das condições de risco: orientação sexual e identidade de gênero nas pesquisas sobre suicídio e ideação suicida objetivando conhecer e trazer visibilidade as demandas de saúde mental LGBT.
SOUSA, J.A.S., 2016.	Criminalização da homofobia; mudanças na cultura familiar, social e cultural; interrupção da invisibilidade.
NAFAGUCHI, T.; ADORNO, R. de C. F., 2016.	Promoção da resiliência; pensar no espaço que as mídias digitais têm tomado e usá-lo para ajudar as pessoas a enfrentar e resistir ao suicídio enquanto resolução de dores insuportáveis; debater a temática.
SILVA, L. V.; BARBOSA, B. R. S. N., 2016.	Desenvolvimento de mais pesquisas que analisem a influência da religião em temas como sexualidade, gênero e identidade de gênero com objetivo de conhecer e combater a <i>LGBTfobia</i> nesse dispositivo que a fortalece em seus ambientes e discursos
JUSTINO, E., 2017.	Mudanças estruturais na escola e na formação dos seus profissionais, bem como a implementação de abordagens educativas para mudança do quadro; alterações nos paradigmas vigentes que impulsionam as violências aos LGBT; apoio aos coletivos e movimentos LGBT.
FILHO, F. S. T.; MARRETTO, C. A. R., 2018.	Mais pesquisas que investiguem o fenômeno do suicídio em LGBT, especialmente no público adolescente; mudanças na cultura escolar de aceitação.

Quadro 3 - Possíveis intervenções sobre a realidade LGBT, 2013-2018.

É importante que se use esse espaço para discutir a aceitação da diversidade, bem como demonstrar as consequências do duro cenário atual, como o suicídio, dando enfoque à importância das relações sociais na vida do ser humano, na exclusão social e no sofrimento ocasionado (BUELVAS; ANDERSON, 2015; JESUS, 2016).

Outro ponto a ser discutido é o papel da religião, que parece não estar tão separada da política, pois se prega conceitos e distorções judaico-cristãs fundamentalistas em espaços públicos e privados, afetando não só a laicidade do sistema, mas toda a

representação social LGBT, já tão denigrada. É relevante investigar e refletir a *LGBTfobia* nos espaços e discursos religiosos afim de promover discussões práticas e alterar o quadro vigente (SILVA; BARBOSA, 2016).

O desafio, entretanto, é bem grande, um exemplo para ilustrar tentativas significativas de mudanças sociais ocorreu recentemente, quando se conseguiu a inclusão de temáticas sobre sexualidade e gênero no currículo da Educação Básica. Logo após os deputados da bancada evangélica responderam, argumentando que seria ensinado às crianças desse país que *era normal mudar de sexo*. Com o pânico social e moral criado em torno do que se chamou de *ideologia de gênero*, ficou a cargo dos estados e municípios definirem se incluirão ou não a temática, fato que claramente prejudicou a iniciativa (NAFAGUCHI; ADORNO, 2016).

Sendo assim, é imprescindível enfatizar que a liberdade ao culto e ao discurso religioso não pode cercear a honra e a dignidade da pessoa humana. Além disso, os rumos do país não podem, de maneira alguma, ser decididos ou influenciados pela religião, seja qual for. Na prática, a instituição religiosa cristã possui um poderio enquanto formadora de ideias, que aliada ao silêncio sistemático da população e do governo, perpetuam o preconceito e a discriminação, favorecendo para que muitos segmentos populacionais tenham seus direitos feridos e a sua dignidade ameaçada (SOUSA, 2016).

Ainda se torna indispensável a persistência na realização de iniciativas e campanhas que objetivem promover e discutir sobre os direitos humanos, articulando-se com a política, já que existe um grande abismo entre a teoria e a realidade, especialmente no Brasil. Este fato é atribuído, principalmente, aos paradigmas e estereótipos sociais que levam a problemática para além de entraves jurídicos e revelam a dificuldade de aceitação e reconhecimento dos LGBT enquanto seres de direito (JESUS, 2016; BORRALHA; PASCOAL, 2015).

Para combater essa realidade, é indispensável o apoio e fortalecimento dos movimentos sociais em parceria com a sociedade civil e o poder público, pois auxiliam em diversos avanços positivos. É possível citar, por exemplo, no campo da saúde, a Política de Atenção Integral à Saúde da População LGBT, de 2011, que foi fruto de muitas mobilizações e possui a intenção de promover a atenção integral, desconstruir o preconceito institucional e contribuir no Sistema Único de Saúde (SUS), no que diz respeito à efetividade dos seus princípios doutrinários, principalmente a equidade (BRASIL, 2013).

Devido à complexidade que exige intervir em uma realidade enraizada em um longo processo histórico-social, são necessárias muitas outras ações que envolvam o poder legislativo, a sociedade civil e reflexões nas mais diversas instituições, mas, prioritariamente, em escolas, igrejas e família, desconstruindo padrões e deixando os indivíduos livres para exercerem sua orientação sexual e identidade de gênero, sem sofrimentos desnecessários.

5 | CONCLUSÃO

O suicídio envolve uma complexa gama de fatores e coloca-se como um importante problema de saúde pública, onde a população LGBT é extremamente acometida. Pode-se atribuir como causa, principalmente, a realidade vivida dentro da hetero-cis-normatividade, que se legitimou a partir de seu histórico (patologização e endemonização da diversidade sexual e de gênero), além da articulação com o poder-saber médico, onde são desconsideradas as particularidades dos indivíduos e construído um padrão binário, em que vidas fora dele enfrentam importantes repercussões.

A partir dos estudos, observou-se que as ideologias que sustentam a heteronormatividade são contribuintes no adoecimento da população LGBT, tais como, o machismo, o patriarcado, o conservadorismo, pois resultam na vivência diária de preconceito e discriminação social (determinantes sociais da saúde), através do Estresse de Minorias. Nesse sentido, a insegurança e as violências contínuas sofridas sistematicamente geram mecanismos de compensação para lidar com as adversidades e a *LGBTfobia* se internaliza, ocasionando desajustes biológicos e/ou sócio emocionais, além de até três vezes mais propensão ao suicídio em comparação à população geral.

Desse modo, se respaldam no controle das sexualidades e inviabilização da homossexualidade a partir da concepção de certo/errado, aceito/pecado, na qual as ideologias de base recebem importante apoio da instituição religiosa. Neste sentido, é relevante fortalecer o ativismo social, conjuntamente com a sociedade civil e poder público no sentido de promover reflexões e mudanças nas mais diversas instituições, estimulando políticas sociais inclusivas, programas preventivos e mobilizações.

Sendo assim, é possível perceber a complexidade que envolve a temática, que pode ser visualizada a partir da escassez de estudos originais que investiguem a realidade na prática, dificultando a compreensão real dos DSS, preconceito e discriminação na vida cotidiana dessas pessoas. Sendo muito importante desenvolver investigações nesse sentido, bem como a elaboração de estatísticas específicas nas instituições brasileiras, objetivando a divulgação e conhecimento da situação.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Letícia Núñez et al. O suicídio no Brasil: Um desafio às Ciências Sociais. **REBELA-Revista Brasileira de Estudos Latino-Americanos**, v. 5, n. 3, 2015.

BOTEGA, Neury José. Comportamento suicida: epidemiologia. **Rev. Psicologia USP**, v. 25, n. 3, p. 231-236, 2014.

BONFIM, Célio da R. et al. Fatores de risco para o suicídio: um estudo de revisão. **Informativo Técnico do Semiárido**, v. 9, n. 1, p. 76-81, 2017.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. Departamento de

apoio à Gestão Participativa. Política Nacional de Atenção Integral à Saúde de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais. Brasília: MS, 2013.

BUELVAS, Anderson Rocha. El riesgo suicida y los significados de las minorías sexuales: un nuevo reto para la salud pública. **Revista de la Facultad de Medicina**, v. 63, n. 3, p. 537-544, 2015.

LONGO, Ivan. **OMS retira transexualidade da sua lista de doenças**. Disponível em: < <https://www.revistaforum.com.br/oms-retira-transexualidade-da-sua-lista-de-doencas/> >. Acesso em: 18 jun. 2018.

NAGAFUCHI, Thiago; ADORNO, Rubens de Camargo Ferreira. Suicídio, Gênero e Sexualidade na era digital. **Saúde & Transformação Social/Health & Social Change**, v. 7, n. 3, p. 22-35, 2016.

SOUSA, Junior Araujo; ROCHA, Taiane Miyake Alves de Carvalho; DOS SANTOS BARROS, Claudia Renata. Prevalência de Discriminação na Vida, entre Travestis, Transexuais e Transgêneros. **Cadernos de Gênero e Diversidade**, v. 4, n. 1, p. 43-65, 2018.

FILHO, Fernando Silva Teixeira; MARRETTO, Carina Rondini Alexandre. Apontamentos sobre o atentar contra a própria vida, homofobia e adolescências. **Revista de Psicologia da UNESP**, v. 7, n. 1, p. 19-19, 2018.

JUSTINO, Elvis. Agrupamentos Lgbt: Cuidado, Resistência Nos Agrupamentos Escolares. **Revista Educação-UNG**, v. 12, n. 1 ESP, p. 41-46, 2017.

SOUSA, Karol Jefessom Alves de. As diversas manifestações homofóbicas e suas consequências no cotidiano das minorias LGBT. **Revista Clóvis Moura de Humanidades**, v. 2, n. 1, p. 27-44, 2016.

BORRALHA, Sérgio; PASCOAL, Patrícia M. GAYS. Lésbicas e Saúde Mental: uma revisão sistemática da literatura. **Revista Omnia**, n. 2, p. 43-51, 2015.

BRAGA, Luiza de Lima; DELL'AGLIO, Débora Dalbosco. Suicídio na adolescência: fatores de risco, depressão e gênero. **Contextos Clínicos**, v. 6, n. 1, p. 2-14, 2013.

JESUS, João Elton. LGBTcídio no Brasil: direitos humanos e população Lésbica, Gay, Bissexual, Travesti, Transexual (LGBT). **Coisas do Gênero: Revista de Estudos Feministas em Teologia e Religião**, v. 2, n. 1, p. 150-164, 2016.

SILVA, Laionel Vieira; BARBOSA, Bruno Rafael Silva Nogueira. Sobrevivência no armário: dores do silêncio LGBT em uma sociedade de religiosidade heteronormativa. **Estudos de religião**, v. 30, n. 3, p. 129-154, 2016.

SILVA, Laionel Vieira et al. Suicídio Ou Assassinato? Um Outro Crime Por Trás Da Prática Homofóbica. **Revista Gênero & Direito**, v. 3, n. 2, 2014.

TOMICIC, Alemka et al. Suicidio en poblaciones lesbiana, gay, bisexual y trans: revisión sistemática de una década de investigación (2004-2014). **Revista médica de Chile**, v. 144, n. 6, p. 723-733, 2016.

World Health Organization (WHO) (2014). **Suicide prevention**. Disponível em: <http://www.who.int/mental_health/prevention/suicide/country_reports/en/index.html>. Acesso em: 18 jun. 2018.

MACK, Ana M.V. Z. Suicídio na comunidade LGBT. In: ZANLUQUI, Luzia Venâncio; SEI, Maíra Bonafé (Org.). *Suicídio: já parou para pensar?* Londrina: UEL, p. 39-55, 2017.

MOTT, L. Por que os homossexuais são os mais odiados dentre todas as minorias? **Gênero & cidadania**. Campinas: Pagu/Núcleo de Estudos de Gênero – UNICAMP, p. 143-256, 2002.

SOBRE O ORGANIZADOR

PROF. DR. WILLIAN DOUGLAS GUILHERME Pós-Doutor em Educação, Historiador e Pedagogo. Professor Adjunto da Universidade Federal do Tocantins e líder do Grupo de Pesquisa CNPq “Educação e História da Educação Brasileira: Práticas, Fontes e Historiografia”.
E-mail: williandouglas@uft.edu.br

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-292-0

